

## **CINEMA E FORMAÇÃO: EXERCÍCIOS AUTOBIOGRÁFICOS E COLETIVOS NA ATIVIDADE DOCENTE**

**Indiara Rech<sup>1</sup>**

**Vanessa Alves da Silveira de Vasconcellos<sup>2</sup>**

**Caroline Ferreira Brezolin<sup>3</sup>**

**Valeska Fortes de Oliveira<sup>4</sup>**

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, vem ao longo dos últimos vinte e um anos trabalhando com pesquisa, ensino e extensão na área de Formação de Professores, alicerçado no campo teórico-metodológico do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis. Participam deste grupo alunos colaboradores e bolsistas de iniciação científica da graduação, mestrandos, doutorandos e professores de escolas das redes municipal e estadual de ensino e de distintas instituições parceiras de ensino superior.

Uma das características marcantes deste grupo é a sua diversidade, pois dele participam profissionais e alunos de diversas áreas, como medicina, pedagogia, sociologia, artes cênicas, comunicação social, design, filosofia, arquitetura, entre outras. Nesse ambiente múltiplo, a diversidade, além das áreas, é também de opiniões e sentidos, configurando o espaço grupal como provocador de múltiplas aprendizagens, em que é imprescindível o respeito com o posicionamento do outro e a confiança na divisão das tarefas.

Ao longo destes anos de trabalho e estudo, várias temáticas foram sendo incorporadas ao Imaginário Social nas pesquisas do grupo, como as questões de gênero, poder, subjetividade, cuidado de si, memória docente, corpo biográfico, dispositivos grupais, histórias de vida que, tal como o Imaginário, procuram abrir-se a novas perguntas e trazer respostas interessantes e promissoras para antigos problemas da Educação.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: indiararech@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: nessavasconcellos@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: carolbrezolin@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: guiza@terra.com.br

Além da constante produção em pesquisa, o GEPEIS, nestes vinte e um anos, tem firmado várias parcerias com escolas das redes municipal e estadual de educação do município de Santa Maria, com outras universidades e ONGs. Apoiados pelo tripé do ensino, pesquisa e extensão, o grupo não mede esforços para aproximar a universidade da sociedade, buscando sempre uma relação de confiança com essas instituições.

Deste modo, no ano de 2012, firmou-se outra importante parceria: com a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na pessoa da Prof<sup>a</sup>. Inês Assunção de Castro Teixeira, coordenadora do projeto *“Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”*, que carrega como problemática central as relações, os enredos, os significados, as experiências e as práticas dos docentes com o cinema.

Este projeto objetivou pensar algo mais acerca dos encontros e desencontros dos professores com e por intermédio do cinema, ontem e hoje, alinhados com os problemas sempre em aberto da docência e da educação como um todo. Buscou-se e interrogou-se ainda todos, pesquisadores e pesquisados, com a intenção de compreender ideias, sentimentos, experiências, práticas, projetos em seus *affaires* individual e coletivo, ligados ao cinema, que movimentam suas memórias e histórias de vida. A sétima arte ajudou a formar as gerações anteriores, que reencontram, ontem e hoje, os sentidos às suas formações e vidas.

A partir deste projeto que foi apresentado ao GEPEIS como um trabalho em rede, um projeto guarda-chuva, elaborou-se o projeto *“Em tempos de formação: o cinema, a vida e o cuidado de si – Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente”*. O objetivo que orientou a referida ação extensionista, no ano de 2012, foi compreender como o cinema se relaciona com as histórias pessoais e profissionais dos professores e como esta reflete em seu fazer docente na prática de sala de aula.

Em outras palavras, interrogamos não somente a forma como o cinema se faz presente, mas as razões de sua ausência no trabalho docente no dia a dia da escola; cuidamos em ver os significados e sentimentos inscritos nos encontros dos docentes com o cinema dentro e fora da escola. Além disso, identificar e analisar as tensões implicadas no exercício da docência nos dias atuais, suas perspectivas em relação aos enfrentamentos no intuito de verificar como o trabalho com o cinema se insere ou se localiza neste contexto.

Na primeira etapa da pesquisa, foi realizado um levantamento de dados, junto aos professores da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria com a participação da Secretaria Municipal de Educação do município, para analisar como o cinema está colocado nas histórias e vida dos grupos de professores investigados. Esta dimensão contempla não somente como os docentes compreendem, definem e interpretam seus trabalhos educativo-pedagógicos com o cinema, mas, acima de tudo, os porquês da presença ou possível ausência do cinema na vida pessoal dos professores, visto que ambas as dimensões, pessoal e profissional, não podem ser assumidas separadamente.

Com os questionários primeiramente se buscou saber o perfil dos professores, para saber quem são esses sujeitos. A segunda parte do mesmo foi composta por várias perguntas que buscavam abarcar significações dos professores com o cinema, em que foram analisadas tais perguntas: Você costuma assistir filmes? Com que frequência você assiste filmes? Onde costuma assistir filmes? Com quem você costuma assistir filmes? Você utiliza filmes em seu trabalho como professor? Por quê? Qual a importância do cinema na vida do professor? Por quê? Você faria uma formação relacionada ao cinema? A partir dessas perguntas (fechadas e abertas) fizemos as primeiras relações e o convite para a formação.

De forma geral, dos 1500 questionários que foram enviados às escolas municipais de Santa Maria, 645 retornaram. Seus dados foram imprescindíveis para a proposição da segunda etapa do projeto: um curso de formação continuada que foi pensado buscando abarcar os elementos apresentados como latentes nas respostas encontradas na primeira etapa do projeto.

Diante disto, aos professores que se mostraram favoráveis a participação na formação continuada, foi realizado um convite para estes integrarem-se ao grupo GEPEIS para que fossem compreendidos os sentidos e os significados que atribuem ao cinema em suas vidas e histórias pessoais e como se relacionam com a arte cinematográfica. Foram exaltadas suas experiências, preferências, sentimentos, formação/conhecimentos relativos ao cinema através deste processo de formação continuada construído com os professores participantes, que aconteceu quinzenalmente, nas modalidades à distância e presencial.

O curso de formação continuada *“A vida e o cinema na formação de professores”*, segundo desdobramento do projeto *“Em tempos de formação: o cinema, a vida e o cuidado de si – Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente”* objetivou a proposição de uma formação ético-estética que auxiliasse na percepção em relação aos sentidos e significados construídos sobre cinema pelos professores participantes. A relação entre vida e arte cinematográfica é dada pela identificação e interpretação de histórias pessoais, experiências, preferências, sentimentos, tensões, processos de formação e conhecimentos relativos ao cinema. Além disso, considerou-se importante conhecer como os docentes se relacionam com o cinema no exercício da docência, no espaço da escola e da sala de aula. Assim sendo, o projeto possuía dois módulos, sendo *“O cinema na vida do professor: Vivências e histórias pessoais”* o primeiro e *“O cinema em sala de aula: Práticas docentes e arte cinematográfica”* o segundo.

Quando o assunto é a formação docente o GEPEIS defende processos de formação que transmutem o formato clássico dos eventos instituídos na contemporaneidade. A proposta de formação, ao mesmo tempo em que considera a necessidade de aperfeiçoamento profissional constante, deve abrir espaço para o professor mostrar-se como pessoa, pensando sobre si, expressando o que o inquieta, o que causa prazer em seu trabalho e, até mesmo, o contrário. Acreditamos em uma formação continuada que não está pronta, que é construída junto com os sujeitos, mas também colocamos nas rodas de

discussão, provocações que desloquem o pensamento do professor, que cause reflexão. Pensamos que a formação continuada não precisa ser feita para cumprir exigências, ganhar promoções ou certificados, mas pode ser feita pela necessidade de desaprender e aprender.

A formação ético-estética é aquela que transcende o belo, o perfeito e para o professor Marcos Villela, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul “pensar a educação estética é justamente criar possibilidades para as pessoas experimentarem processos de criação da vida delas e da relação da vida delas com o mundo”. Em outras palavras, essa perspectiva busca constantemente desvincular-se do que estamos acostumados a fazer, a ouvir ou a pensar, pois a experimentação estética acontece quando nos deparamos com o que não se conhece, com o que surpreende, com o inédito, com o que suscita outro tipo de resposta, o que inquieta.

Hermann (2010, p. 34) aponta para o perigo de uma educação reducionista onde “perdida a sensibilidade, a imaginação e os recursos de uma rica criação de si, a formação ética se desfigurou. De forma caricatural, se materializa nos currículos com um código”. De tal modo, a experiência ético-estética constituiu-se como um dispositivo impulsionador de inquietações, de desconfortos, uma possibilidade de ampliação de repertórios. Aqui, enfatizou-se o cinema na direção da produção e criação de novos referenciais estéticos ligados a educação como um todo: é a educação do olhar.

As atividades propostas iniciaram com exercícios corporais e, no primeiro encontro, uma dinâmica de apresentação, onde, conversando em duplas, os participantes teriam de buscar algumas informações para apresentar seu colega aos demais integrantes da roda. Esse foi o primeiro momento de interação que propomos, o contato inicial com colegas de outras escolas que não se conheciam, que foi avaliado como muito significativo, pois ouvir o outro, saber quem é, o que faz, onde trabalha, o que gosta é um importante exercício de cuidar do outro e de si.

Nos demais encontros, além de serem realizadas dinâmicas e experimentações corporais, foram propostas discussões de artigos produzidos sobre o tema cinema e educação, bem como foram projetados curtas-metragens e filmes. Um dos curtas-metragem do qual lançou-se mãos é “O guarani”. O curta é uma produção cinematográfica que propõe uma reflexão no que se refere à relação da população com o cinema, fazendo-nos pensar nas diferenças e semelhanças da relação cinema-pessoa(s), pensando a implantação do primeiro cinema no Brasil. A discussão que se seguiu ao curta foi muito significativa, momento em que foram destacados elementos importantes, como a desvalorização do cinema brasileiro em detrimento do estrangeiro; o entendimento de que os filmes servem apenas como dispositivos para a diversão, pois há uma redução do cinema a um programa de fim de semana, em que o que se prioriza, em muitos casos, é a ida ao shopping para fazer compras, lanches e, como mais uma opção de divertimento, o cinema. Ainda, foram apresentadas pelos professores suas lembranças pessoais da primeira vez que foram ao cinema, a censura, o modo como as pessoas vestiam-se para a ocasião, a pipoca e sua

representação, enfim, aspectos de diversas naturezas, mas que foram especiais por sua singularidade e sentido.

A partir do exposto, pensamos o cinema como algo maior do que a simples projeção. Mais do que isso, o pensamos como provocador de questionamentos, dispositivo para pensar a nossa vida, inserida em uma cultura, assim como nos aponta Almeida (2001, p. 41):

Momento estético em que um objeto artístico e tecnicamente produzido vai ao encontro do imaginário do espectador, relacionar-se intimamente com seus desejos, ressentimentos, vontades, ilusões, raivas, prazeres, traumas, vivências, e sobre o qual só teremos nossa objetividade restituída após o término da projeção. Só então discutimos e falamos sobre ele, como memória, inextricavelmente ligado à nossa história, à história do mundo em que vivemos, à história do cinema.

É por essa via que entendemos o cinema, como objeto estético para pensarmos o mundo da cultura, que também nos permite refletir, falar, escrever sobre nossa vida, nossa história, associada ao contexto em que estamos. Consideramos que a experiência estética na formação do docente possibilita outro olhar aos sentidos que perpassam os sujeitos e que necessitam ser (re)visitados. Pesquisar esses processos de significação se configura num caminho cheio de possibilidades, que conferem à formação um lugar propositivo, não apenas estático. Possibilita olhar o professor como um “Si” sensível, que percebe sua subjetividade.

Nos encontros realizados percebeu-se a presença de professores que realmente gostam de cinema e que estão se envolvidos, direta ou diretamente com ele, em sua vida e/ou em suas práticas. Essa premissa ressaltou a ideia de que escolhemos temas que estão atravessados na nossa vida e que afetam diretamente o espaço escolar, mas que, na maioria dos casos, não tem espaço para serem problematizados. Assim, a escolha pela temática do cinema vem no sentido de reafirmar sua importância como ampliador estético e cultural, desmistificando a ideia de sua utilização como estratégia pedagógica para desenvolver conteúdos. Este, é pertinente salientar, foi um dos aspectos que apareceu com mais evidências nas respostas dos professores no questionário que foi aplicado na primeira etapa do projeto.

Na tentativa de compreender como o professor dá sentido à sua formação, Hermann (2010) fala que a experiência estética dá sentido à formação, pois se relaciona com a capacidade de cada um em compreender a realidade pelo viés sensível, incitando movimentos de criação.

A singularidade dos sujeitos não pode ser compreendida na perspectiva do *plano geral* cinematográfico – paradoxalmente, na sua generalidade é um imenso fragmento. Por isso, esse trabalho se estreita pelo viés da criação, da experiência estética, da subjetivação do sujeito aprendente sobre/de si e sobre suas vivências formativas. Queremos encontrar saberes que se configuram para além da

formação, tendo em vista que daí decorrem processos de recriação, autorrecriação que remetam à arte de estar na vida em criação, obra, obra de arte.

Diferentemente, uma vida que só comunica, que vive de bem pode ser uma vida pobre de conceitos. Nada nela se autorrecria. Uma vida comunicante é uma vida que decorre da informação, da comunicação. Por outro lado, uma vida que necessita ver-se a si, que necessita causar-se, que incorrea si, que necessita dos atributos do *inesquecível* e os conceitos novos que ele traz, uma vida assim é a de uma *formação que viu (vê) o cinema* – uma formação para si, por si, em si, de si. Uma singela obra de arte.

O Cinema e a Educação possuem uma estreita relação pedagógica, pois além da história trazem o subjetivo, sentimentos e emoções do ser humano; existe uma intenção do professor produzir significados, tocar, mexer no mundo íntimo dos indivíduos. Este caráter pedagógico das histórias refere-se a ideia de que os filmes podem incitar opiniões, comportamentos. É como arte que se pretende olhar o cinema dentro da escola, no sentido de percebê-lo como uma necessidade porque auxilia na compreensão da realidade e na transformação desta, por meio da magia, do imaginário que o envolve.

Duarte (2002) defende que cada um tem sua forma de relacionar-se com o cinema, pois essa relação implica em escolhas, gostos, avaliações e aprendizagens. Cada um desenvolve sua própria intuição na configuração do seu cinema pessoal, sendo que essa sensibilidade amplia ao seu próprio modo e tempo, numa esfera intuitiva, pessoal, subjetiva e intransferível.

É nesse sentido que visualizamos estreitas relações dessa percepção do cinema com a formação, já que está última também é entendida como algo singular e que diz respeito a diferentes trajetórias e processos formativos distintos, baseando-se também em um repertório de vivências pessoais, que de certa, forma mobilizam conhecimentos saberes diversos na atuação profissional docente.

A experiência desenvolvida em 2012, por sua abrangência e aceitação, continuou em 2013. Assim, os encontros de formação aconteceram infantizando-se a realização de oficinas que foram sugeridas pelos participantes, tendo em vista que alguns tem projetos de produção de audiovisuais em suas escolas.

A primeira oficina ministrada junto aos professores participantes foi “Oficina de Vídeo Arte” sob a mediação de Benjamin Marins. Na primeira parte da oficina, Benjamin esclareceu três conceitos básicos no que se refere a edição de filmes/vídeos. O primeiro é a pré-produção e caracteriza tudo que se faz antes de iniciar a gravação; é a ideia; o que eu pretendo fazer. O segundo é a produção que diz respeito a filmagem propriamente dita, as técnicas de uso da câmera, da luz, do espaço, etc. O terceiro é a pós-produção que refere-se a edição, a parte que culmina no produto final, na qual o nível de complexidade do trabalho é definido pelo material que se tem em mãos.

Benjamin ainda enfatizou que no momento da pré-produção três aspectos são fundamentais: a iluminação, o enquadramento (recorte do espaço, lembra o exercício da fotografia: o que realmente



se quer gravar) e o movimento. Enquanto explicava cada um desses aspectos, salientava dicas como, por exemplo, que as sombras enriquecem a qualidade da filmagem, que a câmera deve estar em um local que facilite a gravação (tripé ou apoio) e que não é necessário movê-la o que culmina em um produto de melhor qualidade. Quando houver a necessidade de movimentação da câmera, ressaltou que o movimento deve ser realizado com muito cuidado e sem pressa para não desfocar a imagem.

Em outros momentos, desafiou os professores a colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Num primeiro momento, solicitou a divisão dos presentes em três grupos e lançou três temáticas para que cada grupo escolhesse uma: relatos de ficção sobre histórias de Lobisomem em forma de entrevista, espaço e cotidiano. Após exemplificar cada tema, desafiou-os a um exercício fílmico de cunho artístico/documental de, no máximo, 5 minutos. Em seguida, os exercícios foram projetados e analisados.

Num segundo momento, a tarefa proposta por Bejamim foi a criação/filmagem de um vídeo próprio por cada professor, com os recursos que dispunha (câmeras fotográficas, filmadoras, celulares com câmeras, Ipad, etc.) para ser editado na pós-produção, tendo em vista que o material foi editado com a ferramenta Cinelera. Inicialmente, apresentou-se a ferramenta de edição em seus princípios básicos. Posteriormente, ocorreram outros dois encontros com a prática efetiva da edição do material audiovisual de cada participante. A conclusão da oficina ocorreu com a apresentação dos vídeos de cada professor.

A segunda oficina “Filmes, afetos e memórias” teve como ministrante Francine Nunes. O objetivo da mesma foi a leitura e discussão do texto “30 fragmentos sobre o cinema (do lugar do espectador)” por Cezar Miglierin, bem como a apresentação do curta-metragem “Sweet Karolynne”.

Outro desdobramento do projeto “Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si: Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente” foi a produção de um curta-metragem como resultado do processo vivenciado durante o mesmo. O curta “Cinegrafando” apresenta, além de um breve histórico do projeto, a história de vida e de trabalho com cinema de duas professores que trabalham com cinema na escola, realizam produção com seus alunos e participam de festivais com suas produções.

A partir da riqueza de sentidos e significados que as discussões e o projeto desenvolvido possibilitou, afirma-se que as ações do GEPEIS continuam. Para tanto, no ano de 2014, as ações continuam com os projetos “Cinegrafando a educação - Experiências formativas em cinema: até onde a sétima arte pode chegar?” e “Cartografando experiências formativas com cinema: até onde a sétima arte pode chegar?”. A primeira ação busca promover uma formação continuada em cinema com a proposta de um processo itinerante, no qual as escolas parceiras recebem o grupo participante da formação para assistir e debater o cinema nacional. Já, o segundo, busca mapear instituições e professores que possuem projetos de cinema e formação.

Neste processo, o professor não só pensa sobre como trabalhar com cinema, mas começa a vê-lo como dispositivo para a resignificação de sua formação docente. O cinema é pensado como dispositivo para conhecer os imaginários dos professores e, ao mesmo tempo, aprender e desaprender acerca de nossos repertórios. O cinema deixa de ser só entretenimento ou ferramenta pedagógica e torna-se arte, com toda a potência que essa palavra significa.

Voltar o olhar às práticas culturais dos docentes no Brasil se afigura como uma forma de pensá-los a partir do seu contexto cultural. É assim que os estudos e pesquisas sobre o imaginário nas ciências sociais e educação se voltam para o conhecimento das trajetórias histórico-culturais - “trazem para a análise a dimensão simbólica das relações, das instituições, do cotidiano, das criações sociais, da realidade” (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Isto significa pensar a instituição escolar como que movida por um processo dinâmico em que as mudanças sociais são assimiladas e transformadas em reflexão. A concepção da cultura como algo que está no cotidiano e que deve ser incorporado pela própria escola diz respeito à dimensão instituidora (CASTORIADIS, 1982) da mesma. Se, ao contrário, o sistema educativo acreditar que está aquém da vida daqueles mesmos que o constituem, isto pode significar que a dimensão instituída está se sobrepondo à dimensão instituinte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. In: Revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.1994. CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Salto para o futuro – Formação cultural de professores. Experiências estéticas e linguagens artísticas. Direção TV Nova Escola. Disponível em: . Acesso em junho de 2013.